

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Thales Alves Pereira

**WAKANDA: POSSIBILIDADES DE IDENTIFICAÇÃO PARA O SUJEITO NEGRO NA
CULTURA POP**

Porto Alegre

2019

Thales Alves Pereira

**WAKANDA: POSSIBILIDADES DE IDENTIFICAÇÃO PARA O SUJEITO NEGRO NA
CULTURA POP**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Luciane De Conti.

Porto Alegre

2019

Thales Alves Pereira

**WAKANDA: POSSIBILIDADES DE IDENTIFICAÇÃO PARA O SUJEITO NEGRO NA
CULTURA POP**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a
conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre 10 de Julho de 2019

Banca Examinadora

Luciane De Conti
Orientador(a)

Taiasmin Ohnmacht
Examinadora

Porto Alegre

2019

Agradecimentos

Não é possível alguém passar por um curso como o de Psicologia sozinho, muitas pessoas fizeram parte dessa jornada e graças a elas pude chegar até este momento. Primeiramente, agradeço a minha família, à Elaine Maria Alves Pereira que foi a primeira “psicóloga” que conheci ao me ensinar o valor da empatia, a buscar entender o porquê nos atos do outro. Ao Mario Luiz Alves Pereira por me passar a chama da esperança e me ensinar que a única batalha perdida é aquela da qual se desiste. À Carolina Alves Pereira pela coragem emprestada perante os desafios enfrentados.

À Karen Fischborn pelo companheirismo sem fim que suportou as tempestades mais intensas. Na jornada do Herói sempre há a figura de sabedoria que entrega ao mesmo um instrumento que lhe permite lutar pela vitória, na minha há três. Para mim, Analice de Lima Palombini e Vera Lúcia Pasini foram verdadeiras fadas-madrinhas no curso e com certeza o caminho teria sido muito mais penoso sem o seu precioso auxílio. A terceira figura de sabedoria não poderia ser outra que não à minha orientadora Luciane de Conti cujo além do conhecimento técnico soube manejar minha angústia na reta final.

Por último, gostaria de agradecer a amigos e colegas que fizeram parte desta trajetória e que seriam muitos para nomear neste limitado espaço, porém têm minha gratidão eterna.

Resumo

Pantera Negra, filme lançado em 2018, teve grande repercussão mundial não apenas em termos de bilheteria como também nas redes sociais e cultura pop em geral. Um dos motivos para o sucesso do filme seria pela história do herói ser protagonizado por um núcleo de pessoas negras. Assim, a proposta deste trabalho é analisar as possíveis contribuições que a inserção de um super-herói negro no universo cinematográfico pode oferecer aos processos de identificação de um sujeito negro. Em outras palavras, o objetivo deste estudo é investigar os possíveis efeitos nos processos de identificação e Ideal de Eu desencadeados nas pessoas negras, ao assistirem um filme cujos personagens compartilham de seus traços estéticos, culturais e ocupam posições de prestígio. Para isso, a forma como o racismo interfere nos processos de identificação e (de)formam o Ideal do Ego do sujeito negro é discutida. A partir da análise temática de narrativas construídas por pessoas negras e que assistiram ao filme que foram selecionadas na internet, é possível estabelecer que Pantera Negra atua como uma intervenção na cultura tendo em vista que contrapõe uma série de significações sobre o negro enraizadas e naturalizadas na cultura pop.

Palavras-chave: Pantera Negra. Racismo. Identificação. Ideal de Ego.

Sumário

1	Introdução	7
2	Super-Heróis e Identificação	8
3	Metodologia.....	12
3.1	Delineamento e Coleta de dados.....	12
3.2	Procedimentos de análise dos dados	12
3.2.1	África Utópica	13
3.2.2	Representatividade	144
3.2.3	Racismo	14
3.2.4	Igualdade de Gênero	15
3.2.5	Identificação com o Herói	15
3.2.6	Ancestralidade e Afrofuturismo.....	15
4	Wakanda Forever: Passado, Presente e Futuro	16
5	Considerações Finais	19
	Referências	211

1 Introdução

Contar histórias é algo que nasceu praticamente junto com a fala. Oberg (2006) coloca que os homens pré-históricos já se reuniam em volta de fogueiras com o intuito de ouvir as histórias dos caçadores. Joseph Campbell após analisar mitos de várias culturas e de diferentes épocas descobriu que temos uma maneira peculiar de contar histórias, mais conhecida como Monomito. Sua tese versa sobre o caminho do herói e pode ser aplicada de Gilgamesh (mito mais antigo registrado) a Harry Potter. Cada sociedade produz seus mitos, heróis, lendas a fim de auxiliar não só no desenvolvimento psíquico e emocional como também para lidar com as angústias do cotidiano. Com a criação do cinema no final do século XIX (Araújo, 2018), cria-se uma nova maneira de contar história: através do filme. O filme traz o elemento inovador da visualização da história que se por um lado limita a imaginação, por outro aproxima a fantasia da realidade compartilhada. Uma vez consolidada como uma mídia de massa, o cinema engloba uma função de contação de histórias - seja por releituras das histórias clássicas como contos de fadas, seja por criação de novas como as de super-heróis - que por muito tempo permaneceram na tradição oral ou escrita.

Super-herói é por definição “personagem fictícia dotada de poderes fantásticos e notável pelos seus feitos extraordinários em defesa do bem e da justiça” (Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, 2019), em outras palavras, são personagens que reúnem qualidades consideradas ideais na sociedade. Atributos como coragem, inteligência, senso de justiça são comuns na personalidade do super-herói e se destacam em suas aventuras que de acordo com Campbell (1989) seguem um percurso padrão de separação-iniciação-retorno: “Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (p. 17-18). Assim, o herói serve como modelo identificatório da sociedade na qual a mesma deposita suas expectativas e reflete ideais que seus membros devem buscar absorver para si.

A proposta deste trabalho é tratar das contribuições que a inserção de um super-herói negro no universo cinematográfico oferece aos processos de identificação de um sujeito negro. O

interesse pelo tema surge a partir do lançamento do filme Pantera Negra (2018)¹ e da quase inexistência no universo cinematográfico Hollywoodiano de filmes de super-heróis cujo protagonista fosse uma pessoa negra apesar da temática ter se mostrado muito popular nas últimas décadas. Desta forma, neste trabalho abordamos o chamado universo cinematográfico da Marvel que começa em 2008 com o filme Homem de Ferro até o filme Pantera Negra em 2018, tendo como foco os possíveis efeitos produzidos pela inserção de super-heróis negros na cultura e como isso afeta o ideário do que é ser negro, tendo em vista o entrelaçamento da realidade psíquica e laço social. Em outras palavras, visamos analisar as possíveis contribuições que a inserção de um super-herói negro no universo cinematográfico oferece aos processos de identificação de um sujeito negro.

2 Super-Heróis e Identificação

O filme Pantera Negra (2018), primeiro de seu gênero a ter um elenco majoritariamente composto por atores negros, introduziu no universo cinematográfico de super-heróis o país fictício de Wakanda. No universo cinematográfico da Marvel, os super-heróis com papel principal nos filmes eram todos brancos: Homem de Ferro, Capitão América, Thor, Homem Formiga e etc. Os super-heróis negros - quando existiam - apareciam apenas com um papel secundário, subalternos ao exército, ou seja, sem liberdade de ação e constantemente exercendo a função de alívio cômico sem grande relevância para história apresentada como, por exemplo, é o caso do Máquina de Combate (Homem de Ferro) e Falcão (Capitão América 2: Soldado Invernal). Às vezes a figura de um super-herói negro coadjuvante também é usada para que o herói principal (branco) pareça mais inclusivo. Afinal,

a despeito de sua condição econômica, social e intelectual, o negro quase sempre vive um processo de destituição do seu lugar ou de suas conquistas, porque o olhar do branco e o ideal de branquidão não reconhecem como legítima suas possibilidades e conquista. (Nogueira, 2017 p. 121)

Ou seja, o lugar ocupado por super-heróis negros na cultura pop se equiparava a de um serviçal, alguém que não tem virtudes ou desejos próprios a cumprir a não ser o de seguir um outro, porém isto é profundamente alterado com a entrada do Pantera Negra. Possivelmente, o

¹ Feige, K. (Produtor), & Cooler, R. (Diretor). (2018). *Black Panther* [Filme-Vídeo]. Nova York: Marvel Studios.

segredo do sucesso mundial do filme e as sucessivas quebras de recorde em bilheteria em vários países ao redor do mundo seja justamente a perspectiva de assistir um super-herói negro ocupando uma posição em que geralmente não é retratado. No caso de Pantera Negra, seu principal desafio é governar o reino de Wakanda com justiça e sabedoria como fizeram seus antecessores.

O filme Pantera Negra faz parte de um movimento estético chamado de Afrofuturismo (Rangel, 2016), termo cunhado na década de 90 para designar a proposta de se pensar um futuro em que o sujeito negro esteja inserido. Sujeito negro não se refere apenas a pele, mas também à cultura, é levar aquilo que constitui o sujeito negro hoje e o projetá-lo num futuro, criando a perspectiva de que existirão outros como ele lá. Esse movimento cultural que se manifesta também na música, arte, literatura e moda tem como principal ponto de abordagem se utilizar de elementos de um passado mitológico e agregá-los a uma influência futurista. No filme essa influência é percebida no design da cidade, nas roupas dos personagens e inclusive na estética das personagens cujos penteados são afrocentrados, ou seja, o modelo de beleza é o próprio negro.

O reino utópico de Wakanda emerge na cultura, como consequência de movimentos sociais, criando um espaço inédito para o sujeito negro, um espaço que revela as suas potencialidades sem abrir mão de suas raízes, sem ser forçado a se identificar em um ideal de ego branco. O Ideal de ego como postulado por Freud (1923-25) seria um produto das clivagens do eu - sendo formado por representações, afetos, imagens e palavras que permeiam o sujeito e a cultura resultando no auxílio do surgimento de uma identidade do sujeito.

A identificação para Freud (1921) é a mais remota expressão de um laço emocional com o outro, assim como também, desempenha um papel importante na história primitiva do complexo de Édipo. Freud (1921) explica que o processo de identificação pode ocorrer em três vias

primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. (p. 25)

Dessa forma, a identificação (Roudinesco & Plon, 1998) nada mais é que o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em

momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam.

Conforme Costa (1984) o processo de constituição psíquica do sujeito negro seria prejudicado pela violência racista que se impõe ao negro e tende à destruição de sua identidade. Assim, ao sujeito negro restaria apenas a internalização de um Ideal de Ego branco, ou seja, o sujeito negro é obrigado a formular para si projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Costa (1984) ressalta que “entre o Ego e seu Ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor, às custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico” (p. 104). Desta feita, o Ideal de Ego negro se forma contrariando as “regras das identificações normativas ou estruturantes” (Costa, 1984, p. 104). Isto posto, fica a pergunta: pode um evento como um filme com grande alcance ter efeito neste quadro? Ou melhor, quais os possíveis efeitos disparados pela via da identificação, para as pessoas negras que assistiram Pantera Negra?

A representatividade capitaneada pelo filme inaugura um lugar novo a ser ocupado na cultura pop, ou seja, a introdução de heróis negros na função de protagonistas. Por mais que a Marvel tivesse como objetivo no lançamento do filme atingir um público alvo específico, considerando o grande potencial consumidor que a população negra representa, os efeitos produzidos pela obra excedem qualquer controle sobre a mensagem intencional do filme. Nas palavras de Duchamp (1965, p. 2) ”o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador”. De fato, a química criada entre um elenco majoritariamente negro, um diretor negro, referências históricas e culturais inseridas de maneira natural na trama ressoaram com o público de tal forma que Pantera Negra se tornou um fenômeno não apenas nas bilheterias como também socialmente, vários atletas e celebridades se manifestaram positivamente em relação ao filme, entre eles estão Patrick e Paul Pogba; jogadores de futebol, Sachia Vickery e Gael Monfils; tenistas e Victor Oladipo que é jogador de basquete.

Uma das formas mais utilizadas de manifestação em relação ao filme é cruzar os braços em frente ao peito, na forma de X, gesto esse que é a saudação dos cidadãos de Wakanda. Quando esse gesto (saudação de Wakanda) cruza das telas do cinema para nosso mundo, ele passa a ser parte da realidade psíquica do sujeito, como Jorge (2010, p. 242 citado por Leandro et

al., 2013) afirma que “a fantasia constitui a realidade psíquica para cada sujeito” (p. 39), pois é ela que vai operar a mediação entre o Real e o sujeito, interpondo-se como uma matriz psíquica, por meio da qual o desejo vai ser sustentado na medida em que vai ser fixado ao sujeito pela ação dela. E o desejo passa de uma cifra singular do gozo a um modo de compor com o outro a realidade dos laços sociais pelo recurso do discurso.

Em face ao sucesso do filme *Pantera Negra* (2018) e sua respectiva repercussão, o filme se torna um marco em seu gênero por elencar uma grande quantidade de atores negros em papéis centrais. Em um país como o Brasil, onde o racismo é estrutural, a cor da pele, olhos e cabelos são significantes importantes, pois eles determinam a ‘quantidade’ de violência que o sujeito estará exposto. Quanto mais branco, mais próximo ao ideal da sociedade, Costa (1983, p. 3) explica como esse ideal branco interfere na constituição da identidade ao sujeito negro:

As regras das identificações normativas ou estruturantes são uma barreira contra a perpetuação dessa posição imaginária da infância do homem. Acompanhando o desenvolvimento biológico da criança, elas permitem ao sujeito infantil o acesso a uma outra ordem do existente - a ordem da cultura - , onde a palavra “desejos maternos” não mais serão as únicas fontes de definição de “verdade” ou “realidade” de sua identidade. O dueto exclusivo entre a criança e a mãe é interrompido. Em primeiro lugar, pela presença do pai e, em seguida, pela presença dos pares, que serão todos os outros sujeitos exteriores à comunidade familiar. Estas instâncias vão mostrar ao sujeito aquilo que lhe é permitido, proibido ou prescrito sentir ou exprimir, a fim de que sejam garantidos, simultaneamente, seu direito à existência, enquanto ser psíquico autônomo, e o da existência de seu grupo, enquanto comunidade histórico-social. As identificações normativo-estruturantes, propostas pelos pais aos filhos, são a mediação necessária entre a cultura e o sujeito. Mediação que se faz através das relações físico-emocionais criadas dentro da família e do estoque de significados linguísticos que a cultura põe à disposição dos sujeitos.

Ou seja, a ordem da cultura tem um papel importante na constituição do sujeito, pois através dela circulam ideias, conceitos e definições que se manifestam pelos pares e participam na construção da identidade do indivíduo sejam elas benéficas ou malélicas como é no caso do racismo. Desta forma, o objetivo do trabalho é investigar os possíveis efeitos nos processos de identificação e Ideal de Eu desencadeados nas pessoas negras, ao assistirem um filme cujos personagens compartilham de seus traços estéticos, culturais e ocupam posições de prestígio. De acordo com Silva Júnior (2017) em “Racismo, uma leitura”, o racismo constitui uma realidade composta por diversos fatores como históricos, econômicos, geopolíticos, sociais, institucionais, culturais e subjetivos, que se manifestam por depreciação do outro, inferiorização do outro e exclusão dos bens materiais e simbólicos capazes de lhe garantir uma existência digna. Para

Kabengele Munanga, no Brasil, as crenças no mito da democracia racial e mestiçagem acabam apenas por encobrir a violência do racismo, tornando-o assim, o crime perfeito porque é uma dupla morte.

Não vemos o carrasco do racismo porque ele não se assume como tal. Então é uma morte física e também da consciência do negro. A segunda se dá pelo silêncio, pelo não dito que impede que a vítima e a população tomem consciência de que o racismo existe. (Miguel, 2016, s/p.).

O silenciamento e a depreciação de bens materiais e simbólicos praticados contra o negro na sociedade se refletem na invisibilidade do mesmo na cultura pop. Nesta conjuntura, o lançamento de um *blockbuster* como Pantera Negra (2018) e a repercussão causada motivam a investigação desse estudo nos possíveis efeitos nos processos de identificação e Ideal de Ego nas pessoas negras.

3 Metodologia

3.1 Delineamento e Coleta de dados

A partir do uso de uma ferramenta de busca na internet foram pesquisadas as palavras “Pantera Negra”, “relatos” e “depoimentos”. Do material encontrado, foram selecionadas narrativas no período compreendido entre fevereiro ao final de março de 2018. Outro critério utilizado na seleção das narrativas é que necessariamente deveriam ser produzidos por pessoas brasileiras e que se considerassem negras. A partir destes critérios, foram selecionadas 10 narrativas. A escolha por se trabalhar com as narrativas ao invés de entrevistas, se deu pela tentativa de captar o fenômeno criado pelo filme com que fez que as pessoas voluntariamente escrevessem sobre o mesmo.

3.2 Procedimentos de análise dos dados

Uma vez obtidos as narrativas ou relatos optou-se por realizar uma análise de conteúdo do tipo temática, conforme proposta por Bardin (1977), na qual se enumera os temas e a frequência com que aparecem nas narrativas. Bardin (1977) define que a análise de conteúdo organiza-se em

torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação). Na primeira etapa do processo, pré-análise, foi feita uma leitura flutuante que de acordo com Bardin (1977, p. 96) “consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações.”

Na etapa seguinte, da exploração do material, é que a análise temática propriamente dita ocorre, pois “tratar o material é codificá-lo” (Bardin, 1977, p.103). Nestes termos, após repetidas leituras, cada narrativa foi decomposta em trechos menores de acordo com o assunto abordado naquele trecho formando assim uma categoria. Uma vez realizada a codificação de cada narrativa em temas, foi a vez de compará-las entre si a fim de verificar quais pontos eram compartilhados nos discursos presentes nas narrativas.

A análise temática nada mais é que uma categorização, uma investigação dos temas. Para Bardin (1977) tema é uma unidade de registro, ou seja, uma unidade de significação - de tamanho variável - a se codificar um recorte no nível semântico. Desta forma, a análise temática revelou sete temas recorrentes presentes nas narrativas, sendo que um deles não foi abordado neste estudo por se tratar apenas da sinopse do filme que embora importante para situar os leitores das narrativas sobre o assunto tratado não traria contribuição para o objetivo deste estudo. A seguir, uma breve apresentação dos temas identificados.

3.2.1 África Utópica

África Utópica e se refere à ressignificação que o país fictício de Wakanda propõe em relação às ideias que se tem do continente africano na cultura pop, geralmente, resumidas em pobreza, guerras, fome, vida selvagem, etc. O tema aparece em excertos como, por exemplo, “O fictício país de Wakanda representa lindamente o que poderiam ser os países do continente africano se os mesmos não tivessem sido explorados e colonizados pelos países europeus.” (Narrativa 5), assim, no contexto apresentado Wakanda oferta uma nova imagem simbólica da África, uma imagem próspera, de sucesso, um lugar de pertencimento que resgata o orgulho de africanos e afrodescendentes ao redor do mundo.

3.2.2 Representatividade

A representatividade foi um dos temas mais presentes nas narrativas, principalmente, por se tratar de uma experiência inédita para o público. A representatividade compreende, no ponto de vista das narrativas, o sentimento de se ver representado em tela “não só por um elenco majoritariamente negro, mas por uma equipe encabeçada por um diretor e roteirista negro” (Narrativa 9), também pelo fato dos personagens não serem estereotipados ou embranquecidos. Assim, “Pantera Negra vai de encontro a uma lacuna de representação e representatividade da população negra na grande indústria cinematográfica” (Narrativa 1) e a partir desta criam-se novos significados, possibilidades e autoimagem das pessoas negras na cultura pop.

3.2.3 Racismo

A abordagem a questão do racismo acontece pela reação das narrativas ao discurso do antagonista que ao ser criado em um bairro pobre nos Estados Unidos e testemunhado a violência sofrida pelos negros ao redor do globo defende que o reino de Wakanda use seu poderio militar para oprimir os opressores, assim, o antagonista Killmonger provoca o público a uma reflexão “...porque há muita legitimidade para que possamos chamá-lo de vilão -, espelho dos jovens negros que se proliferam pelas periferias de grandes centros urbanos de toda América, cujos corpos racializados são apropriados, por meio da desumanização ocasionada pelo racismo; e como resposta a um ciclo de abandonos e sonegação de direitos básicos, como a dignidade, tornam-se vetores de uma violência que chegou a eles majoritariamente pelas mãos do Estado?” (Narrativa 3). Contudo, há outros pontos sobre racismo nas narrativas provocados pelo filme para além de se o racismo deve ser combatido por força ou pacificamente, há também o argumento de que o sucesso de bilheteria do filme em si já seria um golpe na ideia racista “de executivos de que produções com protagonistas negros eram gêneros de “nicho” que não dariam dinheiro ou mereciam um investimento maior...” (Narrativa 5). Por fim, a estética das personagens de Wakanda aparece nas narrativas como possibilidade de contraponto a ferida narcísica imposta pelo racismo ao desvalorizar as características físicas das pessoas negras em prol de único modelo de beleza eurocêntrico, pois nas personagens de Wakanda a estética é guiada valorizando

suas características físicas (não há pessoas com cabelos alisados, por exemplo) e sua cultura como é no caso das composição das cores das vestimentas, cortes de cabelo e adereços.

3.2.4 Igualdade de Gênero

O quarto tema encontrado nas narrativas se refere a igualdade de gênero que o filme evoca tanto pelas posições de autoridade e prestígio ocupadas por mulheres quanto pela força das personagens femininas na trama. Ao fugir dos estereótipos das personagens femininas em filmes de super-herói, Pantera Negra consegue se conectar com contexto atual de reivindicação por uma sociedade mais igualitária em relação ao gênero “...como mulher negra, o filme me serviu como completo pois não só honra a presença de mulheres, como tem um herói que depende delas para que sua narrativa seja concluída, e não o contrário” (Narrativa 6). Porém, a heteronormatividade presente nesse universo cinematográfico de super-heróis foi reproduzida em Wakanda e mesmo esta sendo representada como uma sociedade avançada a ausência de personagens LGBT ficou marcada.

3.2.5 Identificação com o Herói

O tema da Identificação com o Herói apresenta-se através tanto do fenótipo (aparência) quanto pelas qualidades. Pantera Negra é um super-herói negro em seu âmago, rei e governante de seu povo com características como inteligência, força, senso de justiça, entre outras que tornam a identificação com o público fácil em muitos aspectos. Algumas falas colocam o herói como um modelo, por exemplo, “Observar o T’Challa se materializar no modelo de masculinidade negra que buscamos construir é de encher os olhos.” (Narrativa 3), outras ressaltam os atributos físicos com o qual se identificam “Pantera Negra ressignifica o olhar ao fazer a cor estigmatizada virar ponto de inspiração e carisma.” (Narrativa 4).

3.2.6 Ancestralidade e Afrofuturismo

O último tema, nomeado como ancestralidade e afrofuturismo, se refere como a nação *High-Tech* de Wakanda consegue aliar a alta tecnologia com rituais ancestrais com harmonia,

algo que é identificado nas narrativas como Afrofuturismo que resgata a ancestralidade “...esse desejo e olhar afrodiaspórico pode ser ainda melhor entendido a partir da discussão do afrofuturismo (movimento estético e político embasado na junção da vivência negra e das narrativas de ficção especulativa). Isso porque Pantera Negra é uma obra que une, no mesmo patamar, a alta tecnologia e a ancestralidade africana” (Narrativa 9).

4 Wakanda Forever: Passado, Presente e Futuro

Os temas identificados nas narrativas compõem um discurso permeado por questionamentos disparados pelo filme pertinentes ao passado, presente e futuro na construção da identidade do sujeito negro. No que tange ao passado é possível observar, pelo menos em termos de Brasil, a escassez de informações que são disponibilizadas sobre a história dos povos africanos que foram trazidos para este país, ou seja, as origens da população afrodescendente. Segundo, Munanga (2015, p. 31) “a história de um povo é o ponto de partida do processo de construção de sua identidade, além de outros constitutivos como a cultura, os comportamentos coletivos, a geografia dos corpos, a língua, a territorialidade etc”, com isso em mente, é impossível mensurar os prejuízos causados pelo tráfico e a escravidão.

A escravidão a que foram submetidos os povos africanos da diáspora foi um processo que durou séculos e consistia no sequestro em massa, tortura física e psicológica, separação de núcleos familiares para diferentes regiões, em suma, um processo de despersonalização, de coisificação e aculturação. As sequelas provocadas na psique do sujeito negro pela escravidão afetam os processos identificatórios como aponta Nogueira (1998, p. 111) “A própria ideia de família, para criança negra, é vaga; em função da condição de escravos, não construíram a noção de pertencer a uma linhagem”. No momento em que as narrativas abordam o tema que nomeamos de África Utópica, elas buscam um sentimento de pertencimento, a chance de se reconectar com o lugar de origem de seus antepassados sob um conjunto de significados diferentes daqueles que a narrativa eurocêntrica atribuiu historicamente ao continente Africano como afirma Munanga (2015, p. 31) “A história da África na historiografia colonial foi negada e quando foi contada o foi do ponto de vista do colonizador.” Inclusive, o filme subsidia material à metáfora do verdadeiro valor africano não ser (re)conhecido ao localizar Wakanda no centro (coração) da

África camuflada (sob hologramas) como se fosse um país pobre e rudimentar aos olhos do resto do mundo.

A importância de ressignificar o passado dos povos africanos da diáspora, de reconhecer suas valências, de conhecer suas histórias seja na dimensão histórica e/ou fictícia está justamente na luta pela desconstrução do que foi produzido por séculos de representações sociais ideologicamente estruturadas e estruturas socioeconômicas das quais o racismo é consequência direta. Como aponta Nogueira (2017, p. 122) “O negro pode ser consciente de sua condição, das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não impede que ele seja afetado pelas marcas que a realidade sociocultural do racismo deixou inscritas em sua psique.”, deste modo, Nogueira alerta para a introjeção, parcial ou total, das características depreciativas, sejam elas físicas ou de personalidade, que foram imputadas aos negros no mecanismo de identificação com o agressor e que ocorre de maneira inconsciente.

O bloco dos temas referentes ao presente que aparecem nas narrativas é composto pelos nomeados como racismo, representatividade e igualdade de gênero. O racismo neste painel entra como algo que surge no passado, fruto de ideologias raciais e estruturas socioeconômicas como mencionado anteriormente, e continua agindo sobre o tempo presente, visto que, ele interfere diretamente sobre os processos de identificação e constituição do sujeito psíquico negro. A violência do racismo do branco está na tendência de subversão da identidade do sujeito negro, uma vez que tendo marcado os signos da cor e do corpo àquilo que é inferior, não resta ao sujeito mais nada a não ser a busca pelo ideal de “brancura” que se contrapõe ao mito negro (Nogueira 2017, p. 123). Logo, ao retratar as pessoas negras ocupando posições de poder e prestígio, orgulhosas de sua cultura e com um padrão estético que têm como referência as suas próprias características físicas, o filme passa a ideia que os filhos de Wakanda são o que as pessoas negras seriam sem o racismo.

A representatividade, neste contexto, serve de contraponto ao racismo, pois se o racismo nega a existência do negro como sujeito, a representatividade celebra sua existência, afirma sua identidade e valoriza suas características estéticas e culturais. A representatividade das pessoas negras pela qual se luta é uma representatividade afastada de estereótipos racistas que aprisionam o negro a uma figura sem valor. Um dos elementos apontados nas narrativas a respeito da representatividade está no fato de não apenas ter um elenco majoritariamente negro, mas também por ter um diretor e roteirista negros. A representatividade negra, no Brasil, ainda é algo a ser

conquistado, visto a resistência sofrida, por exemplo, na propaganda da campanha de dia dos pais, em 2018, feita pela marca Boticário, em um vídeo bem-humorado, o comercial brinca com o fato de o pai achar que fala a linguagem jovem dos filhos. Apenas pelo fato dos atores da propaganda serem todos negros, a plataforma digital pela qual ela foi veiculada registrou mais de 16 mil reações negativas e comentários depreciativos em relação ao vídeo e principalmente ao fato de não ter uma pessoa branca nele. A este somam-se outros exemplos como o caso de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro, assassinada por entre outros motivos a busca pela representatividade política da população negra e pobre. Contudo, o potencial do negro como mercado consumidor resulta que hoje seja possível encontrar produtos voltados especificamente para o público negro como, por exemplo, produtos para das mais diversas texturas de cabelos cacheados e crespos, maquiagem, entre outros. Por isso, Pantera Negra se torna um marco, como mídia de massa possui um grande alcance de público e ao propagar a imagem do negro sem estereótipos abre novas possibilidades de representação.

A igualdade de gênero apontada como tema nas narrativas, se referenciam na forma com que as personagens femininas se posicionam, tratam e são tratadas. Isso dialoga diretamente com as questões que vêm sendo problematizadas pelo feminismo negro. Santos (2007) define como feminismo negro:

aqueles grupos cujas práticas políticas e intelectuais são produzidas e desenvolvidas por feministas e/ou ativistas afrodescendentes; e ainda cujas práticas apresentem como característica marcante a propriedade de serem (ou terem sido) fundadas e forjadas a partir da articulação das categorias políticas de “raça”, gênero, classe e sexualidade, em resposta a um sistema de dominação que tem impactado as mulheres negras e que majoritariamente se caracteriza pela interseccionalidade do racismo, sexismo, classismo e heterossexismo. (p. 11)

Autoras como Angela Davis, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, entre outras chamam a atenção para a necessidade de combate a dupla opressão sofrida pela mulher negra: o machismo e o racismo. Segundo estudo do IBGE em 2016 “23,5% das mulheres brancas têm ensino superior completo, um percentual 2,3 vezes maior que o de mulheres pretas ou pardas (10,4%) que concluíram esse nível de ensino.” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018), essa desigualdade não se limita apenas no campo da educação, mas também no campo do trabalho visto que as mulheres negras são as que mais exerceram ocupação por tempo parcial, alcançando 31,3% do total, enquanto 25,0% das mulheres brancas se ocuparam desta forma, em

2016. Quanto a diferença na remuneração o estudo não informa a diferença da média salarial entre as mulheres negras e brancas, entretanto, as mulheres recebem em média $\frac{3}{4}$ do que os homens. A heteronormatividade presente em Pantera Negra, filme, o que têm sido praxe nos filmes da Marvel, mantém a invisibilidade LGBT no universo cinematográfico dos super-heróis na cultura pop e essa é uma questão a ser problematizada em outros estudos, afinal, por qual razão ainda não há representantes desta parcela da população neste universo?

Em relação ao futuro restaram os temas da identificação com o herói e ancestralidade e afrofuturismo. O tema da identificação com o herói mesmo que tenha um efeito imediato com o público adulto como as narrativas apontam também atinge diretamente as crianças ao proporcioná-las a identificação com um herói que possui traços físicos semelhantes aos seus e qualidades típicas de um super-herói. A partir disso, o conjunto de significações sobre o que é ser negro na cultura pop ganha novas possibilidades para esta geração e para as próximas.

A ligação entre passado e futuro é englobada pelo tema da ancestralidade e afrofuturismo, pois ao retomar algo que remete às origens, se resgata também a noção de identidade cultural e ao projetar essa noção de identidade resgatada em um futuro se dispara a mensagem que o sujeito negro existirá nesse futuro e a perspectiva de futuro é o que motiva as pessoas a prosseguirem na busca pela felicidade. Wakanda, neste contexto, é a realidade inventada que está em um possível futuro e permite ao sujeito negro pertencer a um lugar que lhe valoriza, por isso, ao evocar o lema “Wakanda Forever” está se evocando o conjunto de significados que ela representa como lugar idílico.

5 Considerações Finais

No decorrer deste artigo pode-se perceber que os elementos envolvidos nos processos de identificação e Ideal de Ego que constituem o sujeito negro são diferentes. Em virtude de uma herança histórico socioeconômica, moldaram uma sociedade cuja cultura racista impõe um ideal de brancura não só estético como também ideológico. Neste contexto, a constituição psíquica do sujeito negro se dá em oposição ao modelo vigente, com um alto custo e às vezes até irreparável à construção da identidade do sujeito, visto as significações dadas as características de seu corpo frente a este ideal.

Com isso, durante muito tempo o lugar do negro na cultura pop foi o de invisibilidade ou o de subserviência, ou seja, a reprodução de estereótipos que visavam cristalizar a imagem do negro como ser inferior, desprovido de protagonismo, inteligência ou coragem. Por isso, retomo o questionamento inicial quais os possíveis efeitos disparados pela via da identificação, para as pessoas negras que assistiram Pantera Negra?

O filme Pantera Negra atua como uma intervenção na cultura e como tal alcança tanto a negros quanto brancos e isso abre caminho para ressignificações do lugar do negro na cultura pop, interage com as pessoas a ponto de, conforme citado, termos pessoas públicas como artistas, atletas de vários esportes e nacionalidades fazendo gestos que remetem ao filme por se sentirem representados e valorizados. Desta forma, o filme propicia elementos que podem - dependendo da subjetividade do sujeito - ter efeitos positivos sobre os processos de identificação: como um sentimento de pertencimento à cultura pop e/ou uma referência estética baseada nas próprias características biológicas e/ou a valorização da mulher negra e/ou uma perspectiva de sucesso e protagonismo.

Referências

- Araújo, L. S. (2018). *História do cinema*. Recuperado em 12 de dezembro de 2018, de <https://www.infoescola.com/cinema/historia-do-cinema/>.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Campbell, J. (1989). *O herói de mil faces* (A. U. Sobral, trad., 14a ed.). São Paulo: Pensamento.
- Costa, J. F. (1983). Prefácio — da cor ao corpo: a violência do racismo. In N. S. Souza, *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (2a ed., pp. 1-16). Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- Costa, J. F. (1984). *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal.
- Duchamp, M. (1965). *O ato criador*. Recuperado em 25 de julho de 2019, de <https://asno.files.wordpress.com/2009/06/duchamp.pdf>.
- Freud, S. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Recuperado em 26 junho de 2019, de <https://centropsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Aulas14-Psicologiadegrupoeaan%C3%A1lisedoego..pdf>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). Estatística de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. *Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica*, (38), 1-12. Recuperado em 15 de abril de 2019, de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf.
- Leandro, M., Couto, D. P., & Lanna, M. A. L. (2013). Da realidade psíquica ao laço social: a função de mediação do conceito de fantasia. *Cadernos de Psicanálise*, 35 (28), 27-48.
- Munanga, K. (2015). Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, (62), 20–31.
- Nogueira, I. B. (1998). *Significações do Corpo Negro*. (Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). Recuperado em 25 de junho de 2019, de <http://www.ammapsique.org.br/baixa/corpo-negro.pdf>.
- Nogueira, I. B. (2017). Cor e inconsciente. In N. M. Kon, M. L. Silva & C. C. Abud (Orgs.), *O Racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* (pp.121-126.). São Paulo: Perspectiva.
- Oberg, S. (2006). Apresentação. In J. Grimm. *Irmãos Grimm: contos de fadas* (C. M. Paciornic, trad., pp. 7-11). São Paulo: Iluminuras.

Rangel, E. (2016). Afrofuturismo e questões políticas do negro na ficção científica. *Revista do Audio visual Sala 206*, (5), 129-148. Recuperado em 25 de junho de 2019, de <http://periodicos.ufes.br/sala206/article/view/13798/9777>.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). Fantasia. In *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, L. Magalhães, trans., p. 363). Rio de Janeiro: Zahar.

Santos, S. B. (2007). Feminismo negro diaspórico. *Revista Gênero*, 8 (1), 11-26. Recuperado em 25 de julho de 2019, de <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/157/100>.
<https://doi.org/10.22409/rg.v8i1.157>.

Silva Junior, M. R. (2017). Racismo, uma leitura. In N. M. Kon, M. L. Silva & C. C. Abud (Orgs.), *O Racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* (pp.161-178). São Paulo: Perspectiva.

Super-herói. (2019). In *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora. Recuperado em 25 de jun de 2019, de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/super-herói>.